

# As cartilhas e a história da alfabetização no Brasil: alguns apontamentos

*Francisca Izabel Pereira Maciel*

---

## Resumo

As cartilhas assim como os métodos foram, durante décadas, o problema central da alfabetização. Este artigo é dedicado a uma discussão aberta aos pesquisadores de diferentes áreas do campo das ciências sociais, que têm como objeto de estudo a alfabetização na perspectiva da história cultural. Essa abordagem se justifica por sabermos que os estudiosos vêm se debatendo no sentido de se considerar os usos sociais da escrita e da leitura em suas múltiplas facetas. Diante da ausência de pesquisa histórica sobre a alfabetização, é que me proponho iniciar o debate em torno das cartilhas, campo tão pouco explorado historicamente.

**Palavras chave:** alfabetização - leitura e escrita: paradigmas metodológicos - história da educação.

## Abstract

The textbooks as well as the methods have been for decades the central problem of literacy. This article is intended to be an open discussion for researchers from different areas of the social sciences field who have literacy with a cultural history perspective as their object of study. This approach is validated as we know that scholars have been debating among themselves in order to consider the social applications of reading and writing in their multiple features. It is because of the lack of a historic research on literacy that I intend to start the debate around the textbooks, a field which has not been much explored historically.

**Key-words:** literacy – reading and writing: methodological paradigms – education history.

## 1. Em busca da história das cartilhas...

No Brasil, são recentes as pesquisas sobre a alfabetização, cujo enfoque seja o do tipo de abordagem histórica. A pesquisa de Soares (1991), *Alfabetização no Brasil, o Estado do Conhecimento*, em que a autora analisa as teses e dissertações produzidas no país, cujo tema seja a alfabetização de crianças aponta-nos essa lacuna. De um total de 208 teses e dissertações analisadas, até o ano de 1990, apenas uma pesquisa usou como metodologia a abordagem histórica<sup>1</sup>. A ausência de pesquisas históricas na alfabetização nos leva a considerar que a produção acadêmica esteja mais voltada para a aplicação imediata, visando à denúncia e/ou intervenção da realidade, o que não deixa de ser uma postura plausível diante dos baixos níveis de alfabetização no Brasil. Diante da lacuna e de encontro ao meu interesse como pesquisadora em estudar a alfabetização em uma perspectiva histórica, é que me proponho, neste trabalho, a começar a desvendar esse campo tão pouco explorado e historicamente tão rico aos nossos dias, ou seja, as cartilhas.

Como já foi bem colocado por Pfromm Neto et al (1974), Dietzsch(1979), Bittencourt (1993) e Magnani (1997) não é tarefa fácil ao pesquisador que se proponha a conhecer e a analisar a evolução do livro didático no Brasil, mais difícil ainda, quando se trata de “colocar as mãos” sobre as cartilhas utilizadas na instrução brasileira. Isso pode ser comprovado pelos obstáculos encontrados pelos autores citados, e, também através de nossa experiência no Ceale (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita), das dificuldades em se conseguir materiais didáticos, paradidáticos de professores e alunos que estudaram na primeira metade do século XX. As fontes primárias são escassas, em geral o livro didático é um tipo de material muito consumível, e ao final de um ano letivo de uso, o seu desfecho é o descarte. Aos poucos, felizmente estamos conseguindo ampliar o acervo sobre esse tema no Setor de Documentação e Memória do Ceale através de doações e aquisições em sebos.

Nesse sentido, o trabalho aqui a ser apresentado contou, em boa parte, com as fontes primárias isto é, as cartilhas produzidas pelo próprio autor; entretanto não nos foi possível analisar as primeiras edições. Na falta dessas edições recorreremos às fontes secundárias, produzidas por outros

---

<sup>1</sup> Dietzsch, Mary Julia M. *Alfabetização: propostas e problemas para uma análise do seu discurso*. São Paulo, Instituto de Psicologia da USP, 1979. Dissertação de Mestrado. A autora fez análise das modificações discursivas de oito cartilhas utilizadas na cidade de São Paulo, no período entre 1930 e 1970.

pesquisadores, buscando e complementando informações sobre os autores analisados e sua produção didática.

É preciso esclarecer que o tema proposto exige limitações, e nesse trabalho, vou procurar desvendar ao leitor a história da alfabetização através das cartilhas que mais se destacaram, esboçar um estudo sobre as metodologias utilizadas, de uma forma ainda incipiente, mas já apontando os caminhos que precisam ser percorridos para se fazer uma historiografia da alfabetização no Brasil.

Inicialmente é importante fazer uma abordagem etimológica da palavra **Cartilha**. Para Houaiss (2001) etimologicamente *carta* + *ilha* designa um *pequeno caderno que contém as letras do alfabeto e os primeiros rudimentos para aprender a ler, carta do abc*. De acordo com o dicionarista Caldas Aulete **Cartilha**: *s.f. diminutivo de carta, livro ou carta para ensinar a ler, compendiozinho de doutrina cristã*. O verbete sugere-me a procura do significado de **Carta**: *s.f. carta de nomes ou simplesmente carta, livro ou coleção de abecedários em diferentes caracteres e de palavras soltas para o ensino da leitura, cartilha*. No dicionário de Aurélio Buarque de Hollanda a definição de Cartilha é restrita: *livro para aprender a ler*, tal como ocorre no dicionário ilustrado de Koogan/Houais (1998:3<sup>a</sup> ed) *livro para ensinar a ler*. A diferença entre as definições (restritas) encontradas no Aurélio e a de Koogan/Houais é determinada pelo papel do sujeito, isto é, nas duas primeiras encontramos uma definição que se aproxima aluno/aprendiz, e na segunda o sujeito aproximado é o professor/instrutor. É interessante observar que em todas as definições, o significado de cartilha é restrito ao ensinar e/ou aprender a ler, os conhecimentos linguísticos e textuais são vistos como agregados e/ou pós aprendizagem da leitura. O pressuposto de que o aprendizado da leitura antecede ao da escrita é comprovado nas cartilhas analisadas, isto é, percebe-se que as definições ensinar/aprender a ler é que constituem as bases metodológicas de alfabetização.

Na História do Ensino no Brasil, as Primeiras Cartas, ou as Cartilhas destinadas a alfabetização<sup>2</sup>, foram produzidas em Portugal, e chegou até nós no final do século XVI. Entretanto, são esparsas as informações sobre o material didático destinado a alfabetização da população brasileira entre os séculos XVI e século XVIII. Essa lacuna pode, em parte, ser explicada pelo alto índice de analfabetismo no país, retomando os dados levantados por Lawrence Hallewell, (1985) no ano de 1888 a população livre era de 12.950 milhões de pessoas, desses 258.302 estavam matriculados nas escolas

<sup>2</sup> O termo alfabetização é recente na história do ensino, entretanto ele será mantido por se considerar que este é o campo pedagógico específico para o qual se destina os materiais didáticos aqui analisados.

primárias, ou seja apenas 0,2%; diante de percentagem tão medíocre tornava-se inviável produzir livros para um mercado inexistente.

Para esboçar a evolução das cartilhas, vou buscar na *História da Imprensa Brasileira*, de Nelson Werneck Sodré (1966) os primeiros editores dos livros didáticos. Sodré (1966) e Hallewell (1985) concordam em creditar a Francisco Alves o pioneirismo da edição brasileira dos livros didáticos; a experiência adquirida na Côrte, entre 1863-70 foi determinante para que o seu empreendimento prosperasse. Logo que Francisco Alves chegou ao Brasil, filiou-se à Livraria Bertrand de Lisboa e à Livraria Aillaud de Paris, essa última garantia a baixos custos as publicações didáticas brasileiras. O próspero negócio rendeu-lhe o encampamento de várias livrarias e editoras brasileiras.<sup>3</sup>

Aliado ao monopólio e expansão da Livraria Francisco Alves e aos anseios nacionalistas dos republicanos, que reivindicavam uma educação nacional em um sentido pleno, a começar pelos livros de leitura, os autores brasileiros vão consolidando o campo da produção didática. Assim, a quase inexistente produção do início dos anos 50 do século XVIII, ganhou impulso a partir da segunda metade do final do século XIX.

## 2. Lendo as histórias das cartilhas...

O percurso para a realização deste trabalho, foi inicialmente fazer um levantamento de todos os títulos de cartilha produzidas até 1960. Assim, foram catalogados, até o momento, 147 títulos referentes ao período de 1870-1960<sup>4</sup>. No entanto, diante da delimitação que este trabalho impõe, iremos selecionar e analisar cinco cartilhas nacionais, editadas em diferentes épocas. Entretanto, esse aspecto não pode ser tomado como marco divisório de uso de um método e/ou cartilha em detrimento de outra. Pelo contrário, o que se constata na história da produção didática de cartilha e/ou método para a aprendizagem da leitura e na prática pedagógica é a coexistência de diversas tendências metodológicas nas escolas brasileiras.

Para a análise das cartilhas não foi estabelecido nenhum critério a priori, com a intenção de que do próprio material empírico aflorassem as categorias a serem analisadas, tendo em vista as diferenças em relação a

<sup>3</sup> Ver mais sobre o assunto em Hallewell, Laurence. Francisco Alves. In.: *O Livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor Ltda, 1985. P.197-221

<sup>4</sup> É preciso considerar o número de títulos como provisório diante das dificuldades de se ter um levantamento preciso, uma das dificuldades é de que entre as décadas de 40 à 50 os governos estaduais ofereciam incentivos à produção didática local, isto é estadual, a segunda é o "boom" editorial a partir da década de 60.

época de publicação, editoração, perspectivas teórico-metodológicas e os interlocutores. As cinco cartilhas analisadas foram utilizadas nas instituições brasileiras, em diferentes períodos históricos. São elas: *Methodo Pinheiro Ba-ca-da-fa ou Methodo de Leitura Abreviada*<sup>5</sup>, de Antonio Pinheiro de Aguiar; *O Primeiro livro de leitura* de Felisberto de Carvalho, *O Livro de Lili* de Anita Fonseca, *Upa, cavalinho!* de Lourenço Filho e *Caminho Suave* de Branca Alves de Lima.

A primeira cartilha a ser analisada, diferentemente dos outros materiais é de pouquíssimo conhecimento entre os pesquisadores da área de alfabetização. Até o momento as únicas referências de uso dessa cartilha encontra-se no livro de Pfromm Neto et al(1974:160) de uma citação feita pelo Barão de Macaúbas em 1884.

## I. Methodo Pinheiro Ba-ca-da-fa ou Methodo de Leitura Abreviada

O material de que disponho para analisar é uma cópia xerografada editada pela Typ. de Pinheiro & C, na cidade do Rio de Janeiro, em 1877. A capa difere dos demais livros por trazer em destaque, na parte superior os títulos do livro e não o nome do autor, como é mais comum. Em letras de imprensa maiúscula e em negrito lê-se **BACADAF**, abaixo a conjunção **ou** e na seqüência (também em letras de imprensa maiúscula e em negrito) **METHODO DE LEITURA ABREVIADA** por Antonio Pinheiro de Aguiar (em letras góticas), natural da Província de Minas Geraes, Professor de Musica e Desenho. Todas essas informações ocupam mais da metade dos 21 cm da capa. Abaixo vem a logomarca da tipografia Pinheiro & C com uma ilustração de um anjo apoiado em vários livros e lendo um deles.

O material dispõe ao todo de quatorze páginas, não numeradas, sendo que nas páginas dois a cinco, sob o título de *Prólogo*, o autor apresenta os argumentos de criação de seu método de leitura abreviada em favor da juventude e do professorado que utilizam o fastioso método do be-a-bá. O autor ressalta o sucesso de seu método, a partir de uma exposição pública em 7/11/1858, em São Cristóvão, onde "*provou que em vinte lições os meninos conseguirão a leitura corrente*". O sucesso dos resultados, em outras exposições públicas e a chancela da presença de S.A. o Sr. Conde D'Eu e em outra do S. A. Imperial "*motivarão a adopção do methodo na terceira escola publica de meninos da freguesia de Sant'Anna, no Rio de Janeiro, sob a direção do autor*". É interessante observar que o autor

<sup>5</sup> Preservou, sempre que foi possível, a forma original, os grifos e a ortografia da época.

termina o seu prólogo com uma lista de 54 nomes (entidades, conselheiros, vigários, professores) que adotariam o *Methodo Bacadafa* sob a indicação do S.M.Imperador.

Nas oito páginas seguintes, Pinheiro vai descrevendo as orientações metodológicas: em oposição ao antigo método de soletração, o autor apoia na aprendizagem através da emissão dos sons dos fonemas com o objetivo de se conseguir uma leitura corrente e com rapidez.

Pinheiro busca em nossa população nativa os seus personagens, para isso criou quatro nomes indistintos, que os classificou como nomes de personagens indígenas, formando uma família: **Ba-ca-da-fa** - o índio pai, **Ga-ja-la-ma** - a índia mãe, **Na-pa-ra-sa** - a índia filha e **Ta-va-xa-za** o índio filho. Apresenta a ilustração de quatro índios (família), abaixo de cada uma das ilustrações o nome do personagem na horizontal:

B ba G ga N na T ta  
 C ca J ja P pa V va  
 D da L la R ra X xa  
 F fa M ma S sa Z za

Segundo o autor, através dos nomes dos quatro personagens, o aprendiz toma conhecimento das dezesseis consoantes do alfabeto, sem a preocupação com o nome das letras. Entretanto, para introduzir as vogais (a, e, i, o, u) - sem utilizar a nomenclatura - o autor as apresenta através de uma historietta que vale a pena ser transcrita: *O índio pai, achando-se doente, gemia constantemente deste modo ai, ai, ai. Um carreiro, passando pela porta, ouvindo esse gemido, fez parar o carro com o signal ó, ó, para o boi parar, e perguntou: Quem está gemendo? Eu, eu, respondeu o doente* (grifos do autor).

As lições que se seguem partem sempre da referência das consoantes dos nomes dos personagens (b.c.d.f/g.j.l.m/n.p.r.s/t.v.x.z) associadas às vogais para formar novas sílabas. O aprendiz após ter dominado todo o silabário continua formando novas palavras, mas sempre com o cuidado na pronúncia das mesmas.

Quanto ao tipo de letra, predomina na cartilha a letra de imprensa minúscula, nas duas últimas páginas sob o título: *Quadro Synoptico do Methodo de Leitura Abreviada* são apresentadas as letras do alfabeto, os dígrafos, grafados em diferentes tipos de letras (gótico, itálico, maiúsculo, minúsculo) sem nenhuma referência ao trabalho do professor com esses aspectos da grafia.

O método/cartilha Ba-ca-da-fa não tem preocupação com as ilustrações, elas aparecem na primeira e última página do quadro sinótico para apresentar os personagens índios (pai, mãe, filha e filho) que são

desenhos feitos em bico de pena, somente da parte superior do tronco e estão nus.

Quanto a análise da proposta metodológica do Bacadafa podemos dizer que ela apresenta avanços em relação ao antigo método de soletração; verifica-se a preocupação do autor em relação a pronúncia correta dos sons das letras e sílabas sem a artificialidade propostos na soletração do be-a-bá, o que em parte, facilitaria desenvolver a habilidade da leitura corrente.

Entretanto, o material suscita várias indagações que mereceriam ser aprofundadas: sendo um método de sucesso em nove exposições públicas, e em todas elas sem a menor contestação, como descreve o autor, porque não temos evidências de seu uso? O que justificaria a necessidade de um discurso tão beneplácito? Qual a finalidade da ilustração inicial de um anjo lendo, cercado de vários livros, e o método/cartilha ter como personagens centrais uma família indígena, estaria o autor fazendo uma apologia às cartilhas de doutrinação cristã? Finalmente, uma questão que mereceria ser pesquisada: quais foram as estratégias do autor em utilizar como personagens os índios? seria uma estratégia de cunho nacionalista? ou os índios, possivelmente, foram sugeridos pelo exotismo dos nomes? estaria relacionado ao fato dos índios serem considerados “figuras exóticas”, diferentes? ou ainda, um público a ser alfabetizado, mesmo em pequena parcela?

Como foi colocado, no início dessa análise, até o momento em que “colocamos a mão” na cartilha, a única referência que tínhamos era uma vaga alusão de que o Método Ba-ca-da-fa e/ou Método Pinheiro parece ter sido alguma cartilha usada no país, hoje sabemos que ela existiu, mas carece ainda de investigações.

## II. O Primeiro Livro de leitura de Felisberto de Carvalho

*O Primeiro Livro de Leitura* de Felisberto de Carvalho distingue-se de boa parte das cartilhas produzidas na época, pela sua inovação, em apresentar-se como um volume dentro de uma coleção de livros de leitura para séries graduadas. A coleção completa é constituída de cinco volumes cuidadosamente ilustrada por seu filho Epaminondas de Carvalho<sup>6</sup>.

As duas edições analisadas apresentam capa cartonada ilustrada em cores e o miolo em 145 páginas divididas em quarenta e oito lições devidamente ilustradas, e treze delas são coloridas. A possibilidade de se ter

<sup>6</sup> Segundo os Editores da Coleção, as ilustrações dos livros de leitura de F.C. foram utilizados pela editora Aillaud & Cia de Paris para ilustrar o Novo Dicionario francez-portuguez e portuguez-francez. (1911:6)

dois exemplares deve-se ao fato de o material possuir uma boa encadernação. Apresentam no formato de 15 x 21 cm cartonado e com uma bela ilustração. O nome do autor vem na parte superior da capa e as primeiras letras do título do livro são associadas ao desenho cuja letra inicial tenha relação com o fonema inicial do título.: O (olho), Primeiro (porco) Livro (cena de uma menina lendo) Leitura (leão), além dessas ilustrações têm-se uma flor, um gato, uma caravela, parte de uma mata. Enumerando-as, dá-nos a impressão de uma capa demasiadamente ilustrada, engana-se o leitor, as tonalidades e os traços são de uma harmonia que transcende a descrição.

Na página de rosto, abaixo do título e do autor, a inscrição *desenhado e refundido por Epaminondas de Carvalho*, ao pé da página os cinco endereços da Livraria Francisco Alves & Cia (Rio de Janeiro, Paris, Lisboa, Belo Horizonte e São Paulo). As duas edições analisadas datam de 1911 e correspondem a 58ª e a de 1929 a de 114ª, entre as duas edições, as únicas alterações encontram-se na quarta capa. Na edição de 1911, sob a inscrição de *Curso de Instrução Primária*, são apresentados 14 livros de disciplinas variadas, os cinco primeiros são os de Leitura de Felisberto. Na edição de 1929, as obras são coleções de livros de leitura dos seguintes autores João Kopke, Puiggari-Barreto, Arnaldo Barreto, Thomaz Galhardo, Felisberto de Carvalho, Maria Rosa M. Ribeiro e Francisco Vianna, todos eles tiveram grande influência na história da alfabetização, leitura e escrita no Brasil. Todas as indicações vêm acompanhadas de seus respectivos preços. Outra alteração encontra-se na primeira página que antecede a folha de rosto da edição de 1911, nesta há uma lista de 13 obras, todas de Felisberto de Carvalho, e três delas com edições esgotadas: *Diccionario grammatical* 2ª ed. 1 vol., *Arithmetica das escolas primarias* 4ª ed e *Selecta de autores modernos* 1 vol.

Contextualizando a coleção de Felisberto de Carvalho, podemos dizer que, apesar de não analisarmos a 1ª edição, as primeiras publicações ocorreram na segunda metade do século XIX. A extensão do material didático para além da alfabetização - 1º ao 5º Livro de Leitura - tal como propõe o autor, se adequa à realidade brasileira do final do século XIX, momento em que aumentou substancialmente o número de escolas.

Nas quatorze páginas que antecedem as lições há uma apresentação dos editores, outra do autor e um ensaio, em oito páginas, do autor sobre o método do ensino da leitura. *Ao público* é a maneira pela qual os editores se dirigem aos seus leitores/interlocutores, dizendo-lhes da aceitação das sugestões de professores de que incluisse no 1º Livro de Leitura *“exercícios sobre as letras y e z, (...) afim de corresponder à acceitação contínua que estes livros têm merecido”*. A receptividade do 1º Livro de Felisberto pode

ser comprovada através das várias edições anuais, que giravam em torno de três.

Ao se dirigir “*Aos nossos colegas*”, Felisberto parte de sua experiência como professor por mais de dez anos na Escola Normal do Rio de Janeiro para criticar o desprazer da aprendizagem da leitura através dos *syllabarios*. Segundo o autor, o ensino da leitura desvinculado da escrita causava um grande prejuízo de tempo, por isso propunha o ensino simultâneo da leitura e da escrita; outro aspecto apontado por ele é de que era comum nos silabários o descompasso entre a ilustração e o conteúdo a ser abordado. Nesse sentido, Felisberto e seu filho Epaminondas, como ilustrador, procuram fazer das imagens uma aliada da aprendizagem da leitura e da escrita.

Ao analisar o livro, não podemos deixar de mencionar os *exercícios logographicos*, que são apresentados sempre ao final de cada lição, e de acordo com a concepção do autor, não podem ser considerados exercícios de caligrafia, pois têm como objetivo *poupar o trabalho do professor de representar por muitas vezes, em manuscrito, as palavras e as phrases*.

A chancela também se faz presente no livro de Felisberto, não como se encontra no Método Bacadafa, com sua extensa lista, mas na figura do “*ilustre chefe, o prevector professor Senr. Dr. Menezes Vieira*” que elogia a autoria do trabalho de que estariam prestando um serviço à instrução do Brasil com a publicação desse livro.

Ao finalizar a sua apresentação Felisberto amplia os seus destinatários interessados em utilizar o seu livro, ou seja, além dos professores, a quem ele os chama de *Collegas*, se dirige também aos leigos, *não professor e portanto não conhecedor de Pedagogia, se veja forçado, pelas circunstancias em que se achar, a começar o ensino a qualquer criança, diremos em seguida o que lhe convirá saber acerca do ensino da leitura em geral, e da leitura elementar em particular*(grifos do autor) Dessa maneira o autor introduz o *Tratado de Metodologia sobre os Methodos do Ensino da Leitura*, (1911:11-18) onde reafirma a crítica ao método de soletração e demonstra a contundência em favor do método da emissão de sons. Aponta as condições para se fazer um bom uso do mesmo no ensino: *1) Deve-se considerar como pedagogicamente indivisível o ensino da leitura, do da escripta e da orthographia; 2) é preciso proceder gradualmente e com methodo no ensino da leitura elementar; 3) Marcha a seguir na lição de leitura elementar*, nesse último item, o autor descreve como deve ser a atuação do professor que se proponha a trabalhar com seu material didático, fundamentado nos pressupostos do que o autor denominou de *metodo de emissão de sons* (grifo meu).

A seguir, apresento a concretização dos pressupostos teóricos defendidos por Felisberto na proposta didática do *metodo de emissão de sons*. A primeira parte do livro, dividida em 34 lições destina-se à apresentação das letras do alfabeto representada por uma ilustração que será a referência para a formação das frases/sentenças a serem trabalhadas. Percebe-se uma constante associação entre a letra, a ilustração e as sentenças. Nas seis primeiras lições, as vogais são apresentadas associadas a letra **p** formando as primeiras palavras/sentenças:

1ª Lição	2ª Lição	3ª Lição	4ª Lição	5ª Lição	6ª Lição
A pá O pápa	O pé O pápa e o pé	O pó A pôpa, o pápo;	A pia A pôpa, o pó, o pápa;	A pá A pôpa, a pá;	A pua

Constata-se que o autor ao se propor a trabalhar com a emissão dos fonemas apresenta as vogais com diversos sons, combinando-as com uma consoante para formar novas palavras, mas sem fazer uso da nomenclatura (vogais ou consoantes). Após a apresentação de todo o alfabeto, inicia-se a segunda parte (14 lições) os textos mais longos e são trabalhadas os dígrafos (bl, cl, br, vr, etc) mesclando as letras imprensa e cursiva, e “aparecem” os *exercícios de invenção* restritos a completar frases de acordo com o texto lido, e os *exercícios de raciocínio e de elocução* onde se destacavam as questões de interpretação e compreensão da leitura, mas como o próprio nome do exercício explicita, eram propostas de atividades orais, as atividades envolvendo a escrita estavam restritas às cópias dos exercícios logográficos.

Como já foi mencionado anteriormente, o autor apresenta em todas as lições, os exercícios logográficos, cujo objetivo é facilitar o traçado das letras dos alunos ao copiar do quadro a escrita feita pelo professor, entretanto o recurso visual utilizado na cartilha de tentar aproximar a representação à realidade escolar, acaba dificultando a visualização do aluno. Além disso, são trabalhadas concomitantemente quatro caracteres diferentes de letras, imprensa e cursiva maiúscula e minúscula.

Em síntese, podemos dizer que *O Primeiro Livro de Leitura* de Felisberto de Carvalho fez parte da trajetória escolar de várias gerações, das primeiras edições, provavelmente, do final do século XIX elas continuaram a ser editadas até os anos 40. Sabemos também que o livro de Felisberto foi contemporâneo às produções de Arnaldo Barreto, autor da *Cartilha*

*analytica* e *Cartilha das mães*, Thomaz Galhardo, *Cartilha da Infância* e Francisco Vianna, *Cartilha*. No entanto, Felisberto diferencia-se dos autores citados por não utilizar a palavra cartilha em momento algum de seu material didático. Aqui fica a indagação: na concepção do autor a palavra cartilha estaria associada aos “antigos” métodos de soletração? As cartilhas estariam relacionadas aos “syllabarios”? A cartilha seria um material didático específico, e não deveria fazer parte de uma coleção como propunha o autor? Eis algumas questões a serem pesquisadas...

### III. O livro de Lili de Anita Fonseca

A sua primeira edição ocorreu oficialmente no ano de 1940, pela Livraria Francisco Alves, e a partir dos anos 50 passa a ser editado pela Editora do Brasil S.A. *O Livro de Lili* foi produzido pela autora como uma atividade da cadeira de Metodologia de Língua Pátria, sob a orientação da professora Lucia Casasanta e utilizado nas classes anexas da Escola de Aperfeiçoamento, e em várias escolas da capital e interior de Minas, durante os anos 30. *O Livro de Lili* apresenta algumas especificidades em relação a maioria dos materiais produzidos na época, é um dos primeiros materiais didáticos que apresenta o manual do professor, em um volume, separado do livro do aluno, sobre esse aspecto iremos detalhar em nossa análise, além disso o material didático é acompanhado de materiais suplementares como cartazes para uso do professor em sala de aula. O livro do aluno ia sendo composto ao longo do processo de alfabetização, isto é, o aluno recebia inicialmente a capa do livro, e as lições, a medida em que iam sendo trabalhadas, além disso fazia parte do material para o aluno um caderno com fichas para recortar e remontar as lições trabalhadas.

A palavra cartilha não aparece na capa do livro até os anos 60, entretanto, ela se encontra na primeira página entre parênteses. Isso porque a proposta metodológica do trabalho da Escola de Aperfeiçoamento, através da professora Lucia Casasanta, orientava suas alunas-mestras na fundamentação teórica do método global, cujos pressupostos se coadunam com a produção de pré-livro, e não de cartilha. Na opinião da professora Lucia Casasanta, a palavra cartilha estava associada aos métodos tradicionais em que o “saber ler” se reduzia em traduzir em sons os símbolos da página escrita. O pré-livro é indicado como um material didático básico para iniciar o aluno na aprendizagem da leitura, e esta será desenvolvida com o uso de materiais e leituras suplementares e intermediárias.

O *Livro de Lili* inova em apresentar separadamente o manual do livro do aluno, vou partir inicialmente da análise do manual do professor por ele apresentar todas as lições do livro do aluno, sem contudo deixar de relacioná-los sempre que se fizer necessário.

A edição analisada é a 2ª publicada em 1942, e a capa explicita a quem Anita Fonseca se dirige, ou seja às professoras, como vimos na análise das cartilhas anteriores - e poderíamos citar outras - os autores sempre dirigem ao seu leitor como o professor, professores ou mestre. Outro aspecto a ser ressaltado na capa do manual é a explicitação da perspectiva teórica pela autora, ou seja o método global.

O manual consta de 111 páginas divididos em XI capítulos e prefaciado por sua professora, orientadora de sua produção didática, Lucia Casasanta. De acordo com Casasanta, a fundamentação teórica do método global em Minas Gerais foi inspirada nos estudos sobre a percepção visual, no campo da psicologia infantil, baseados em Claparède, Revault D'Allones, Decroly e Piaget; no campo da psicologia da leitura, as pesquisas de Valentius, Castell, Goldscheider, Muller, Dearborn, Bowden e Bogg, e as contribuições das pesquisas de Judd, Busvell, Gray, Schmidt, Docheray e outros, da Universidade de Chicago sobre os hábitos fundamentais de leitura.

No capítulo I a autora aborda os valores psico-pedagógicos do método global ou analítico e justifica a sua opção pelo '*método global*' em detrimento ao ' *sintético*' (grifos da autora), finaliza o capítulo apresentando dados estatísticos de resultados dos testes de promoção de alunos do 1º ano nos anos de 1934/38/39 nas escolas públicas do estado de Minas Gerais. O capítulo II: *Aprendizagem da Leitura*, são descritas atitudes e atividades que deverão ser desenvolvidas pelas professoras no período de adaptação, *nessa fase, a professora procurará conhecer melhor os seus alunos, desenvolver-lhes a linguagem oral e o pensamento, bem como a atenção, a percepção visual, as coordenações motoras, etc.* (p.19). Em seguida, a autora descreve o desenvolvimento psicológico das fases do método global.

Os capítulos que se seguem tem como objetivo descrever o processo e os procedimentos a serem utilizados para a aprendizagem da leitura pelo método global de contos ou historietas, este último é o termo que se adequa melhor ao *Livro de Lili*. Segundo Casasanta (1956) a aprendizagem da leitura pelo método global de contos ou historietas envolve cinco fases: fase do conto; fase de sentencição; fase das porções de sentido; fase da palavração e a fase de silabação ou dos elementos fônicos.

Em cada uma das onze historietas,<sup>7</sup> compostas entre cinco a sete sentenças, a professora e os alunos deverão seguir cuidadosamente as cinco fases do método, e acrescidas das atividades complementares de leitura, escrita e interpretação sugeridas no manual. Em momento algum das instruções dadas aos professores recomenda-se o uso para reconhecimento das vogais e das consoantes, o livro termina com sugestões de atividades avaliativas de sentenças, palavras e sílabas. O manual finaliza com uma lista em ordem alfabética do vocabulário do *Livro de Lili* e a frequência de cada palavra e uma bibliografia, com citações de obras de vários pesquisadores citados no Prefácio.

Ao analisar algumas edições do *Livro de Lili*, para os alunos, constatamos várias modificações entre elas, que merecem ser descritas. Os exemplares referem-se às 19<sup>a</sup>, 25<sup>a</sup> (s/d) editados pela Francisco Alves, e as edições de números: 33<sup>a</sup> (1958), 87<sup>a</sup> (1961) e 136<sup>a</sup> (1964), foram editadas pela Editora do Brasil. Nas 19<sup>a</sup> e a 25<sup>a</sup> edições não constatamos alterações, o formato apresenta-se em bloco (tipo caderno de desenho) para destacar as lições, as ilustrações são de Elza Coelho Junior, em preto e branco para que os alunos possam colorir -essa atividade está descrita no manual -, o tipo de letra utilizado na impressão das historietas é a letra de imprensa minúscula. Após a apresentação de cada historieta, o texto é retomado em sentenças, palavras e sílabas. A capa do livro/bloco na cor cinza apresenta-se com a ilustração de uma menina, Lili, trajando um casaco de inverno, abaixo a inscrição: Livro de uso autorizado pelo Ministério da Educação (Registro n. 1.584).

Nas edições de 1958 (33<sup>a</sup>) e a de 1961 (87<sup>a</sup>) publicados pela Editora do Brasil S/A<sup>8</sup>; O Livro de Lili faz parte da Coleção Didática do Brasil - Série Primária - volume 15. O Livro de Lili deixa de ter o formato de caderno de desenho destacável. As ilustrações são totalmente modificadas, começando pela capa, Lili deixa de estar vestida com um capote, característico de um inverno europeu e reaparece colorida, com seu vestido azul mais adequado ao nosso clima tropical. Lili está assentada lendo *O Livro de Lili* (como na lata de fermento Royal) ao seu lado, o cachorrinho Totó.

Quanto à estrutura textual, o livro é dividido em duas partes, a primeira consta das onze historietas e na segunda parte são introduzidas nove historietas<sup>9</sup>, denominadas de leitura suplementar. Aumenta

<sup>7</sup> Lili, O piano de Lili, As meias de Lili, Joãozinho e Totó, A cozinheira, O burrinho Mimoso, Ai, ai! Mimoso, As bonecas de Lili, Suzete, O retrato de Lili e O passeio na roça.

<sup>8</sup> Não possuímos maiores informações a respeito da mudança de editora do *Livro de Lili* da Francisco Alves para a Editora do Brasil.

<sup>9</sup> Os títulos são: Os amiguinhos de Lili, Os amiguinhos de Joãozinho, A casa de Lili, Os bichos também falam?, A casinha de Totó, Tetéia, Lili e Tetéia, Xexéu e O ninho de bem-te-vi.

consideravelmente o número de páginas, não só com a introdução das novas historietas, e sim porque todas as lições são duplicadas, na primeira, as lições têm ilustrações coloridas e o tipo de letra usado é o de imprensa minúscula, e na segunda todas as lições são reproduzidas em letra cursiva, e cabe aos alunos colorirem as ilustrações de acordo com as tonalidades da ilustração da página anterior.

Quanto as modificações na edição de 1964 (136ª) o destaque está na capa, o fundo todo em azul, (o outro era rosa) Lili veste um outro modelo de vestido na cor vermelha, com um novo penteado, lendo o seu próprio livro para o cachorrinho Totó, no entanto as ilustrações internas continuam como nas edições anteriores, mas com uma coloração mais forte. O que me chama atenção nessa edição não é só a mudança da capa, o que já seria suficiente para muitos questionamentos, mas e principalmente é que pela primeira vez aparece escrito na capa em letras cursivas e vermelhas a palavra cartilha. Ora, isso nos leva a várias perguntas e algumas explicações.

Uma das explicações que encontro, é de que o termo Pré-livro foi mais utilizado entre as autoras de Minas Gerais, e a maioria delas foi aluna de Lucia Casasanta. Apesar de ser um termo utilizado pelas autoras, ele não foi totalmente incorporado pelos professores e alunos que faziam uso do material didático, em entrevistas realizadas com professoras e ex-alunos que estudaram no *Livro de Lili*, são unânimes em afirmar que estudaram na *Cartilha da Lili*.

#### IV. Upa, Cavalinho! Lourenço Filho<sup>10</sup>

A cartilha Upa, Cavalinho! faz parte de uma série de livros de leitura graduada, cujo nome da coleção é Pedrinho. Além da série composta de seis livros, incluído a cartilha, há dois volumes destinados aos professores como 'Guia do Mestre' em que o autor descreve minuciosamente as lições a serem trabalhadas nos livros dos alunos.

A primeira edição da cartilha Upa, Cavalinho! é de 1957, e foi o último volume da série da coleção Pedrinho a ser editada. No ano de 1970, a cartilha deixa de ser publicada, entretanto, nesses treze anos em que a cartilha foi publicada sempre pela Editora Melhoramentos, foi um sucesso editorial. A primeira edição foi de 1.000.000 de exemplares e as outras

<sup>10</sup> Ver em Bertoletti (1997) *Cartilha do Povo e Upa Cavalinho! O projeto de alfabetização de Lourenço Filho*, a autora faz uma análise descritiva das duas cartilhas.

oscilaram entre 100 a 150 mil exemplares, com exceção das duas últimas, 1968 e 1970 que foram de 35 mil exemplares (Bertoletti, 1997).

A análise, a seguir será embasada na cartilha, e recorreremos ao 'guia' quando for necessário, isto porque a cartilha apresenta nas quatro páginas finais as orientações metodológicas de como utilizar Upa, Cavalinho!

O exemplar que disponho para a análise é do ano de 1968 (11<sup>a</sup>), a penúltima edição; comparando-a análise-descritiva feita por Bertoletti de um exemplar da 2<sup>a</sup> edição, não constatei modificações entre os dois exemplares.

O material é composto de 64 páginas, nas quatro últimas destinadas Aos Snrs. Professores. Como o livro do aluno/professor traz as orientações nas páginas finais, vou começar a análise pelas orientações dadas por Lourenço Filho. Segundo o autor, são necessárias três condições para a aprendizagem inicial da leitura: A primeira, é "precisar" a maturidade da criança, e para avaliá-la de uma forma rápida e simples, é indicado o Teste ABC, não sem antes ter lido o livro Testes ABC (Edições Melhoramentos) do próprio autor. Em poucos minutos, é possível determinar quais as crianças que estão realmente maduras para aprender, quais as que necessitam de cuidados individuais, e ainda quais as que reclamam exercícios especiais (1968:62).

A segunda condição refere-se ao desejo de aprender que de acordo com Lourenço Filho, o ambiente social exerce grande influência, mas cabe ao professor favorecer essa motivação, juntamente com um material didático atraente. E aqui, entra a terceira condição: utilização do material adequado a seus fins; não basta a cartilha ser atraente, deve apresentar exercícios graduados, articulados entre si, assim a cartilha fará a metade do ensino (grifos do autor) a outra metade, compete ao professor que deve compreender bem o plano da cartilha.

A seguir, Lourenço Filho apresenta as cinco fases da cartilha Upa Cavalinho! 1) fase de sentenças e palavras, 2) fase de discriminação de sílabas com as consoantes dadas, 3) fase da discriminação e recomposição imediata, em palavras já conhecidas e novas, 4) fase das consoantes ainda não estudadas e 5) fase final do ensino da leitura corrente.

O autor termina advertindo aos professores alguns cuidados de ordem geral (grifos meus), que na verdade, são procedimentos técnicos que deverão ser utilizados pelos professores no decorrer das fases, tais como motivar os alunos, fazer exploração oral, utilizar sempre o quadro negro e a indicação do material suplementar da cartilha que é o LIVRO DO ALUNO PARA A CARTILHA 'UPA CAVALINHO!', com modelos de escrita

gradativo e jogos variados e o GUIA DO MESTRE PARA O ENSINO DA LEITURA (destaques do autor).

As lições da cartilha são todas ilustradas ora com a tonalidade de azul, ora de vermelha, e estão dispostas em 59 páginas. A primeira lição do livro é a que dá título ao livro, o autor “brinca” com as palavras upa e cavalinho: Upa, cavalinho! Upa, upa! Upa, cavalinho. Cavalinho, upa. Upa, upa. Abaixo, vêm as palavras emolduradas separadamente: cavalinho, cavalinho, upa, upa, upa. Seguindo essa estrutura as lições vão sendo apresentadas e trabalhadas, em algumas situações, o destaque das palavras é para introduzir determinadas sílabas. As lições não são numeradas e nem sempre apresentam relações entre uma e outra.

Ao analisar a cartilha Upa, cavalinho!, percebe-se que para o professor utilizá-la, era necessário recorrer ao “Guia”. O guia, além de apresentar uma fundamentação teórico-metodológico de sua proposta didática, descreve o planejamento de todas as lições quanto à preparação, leitura, escrita.

Diferentemente da proposta metodológica de O Livro de Lili, que defende e orienta os professores a utilizar o método global como o mais indicado na aprendizagem da leitura, Lourenço Filho apresenta como opção metodológica, um método eclético, sob a alegação de que não emprega um processo rígido, sacrificando em favor de noções puramente teóricas a complexa atividade de aprender. Do processo global, ou ideovisual, aproveita todas as vantagens que ele pode oferecer como fonte de motivação. Percebe-se que o autor ao justificar a sua opção metodológica, faz de certa forma uma crítica aos princípios do método global.

Lourenço Filho explicita que a cartilha Upa, Cavalinho! adapta-se aos procedimentos mais conhecidos e utilizados por nossos professores. Tanto poderá ser ele utilizado em ensino que parta de frases ou sentenças, como de palavras. Lourenço Filho ao oferecer “autonomia” ao professor poderia estar lhe proporcionando muitos embaraços, a não ser que o professor se “submetesse” às prescrições do Guia do Mestre que apresenta os objetivos, preparação, leitura e escrita de cada lição.

## V. Caminho Suave, Branca Alves de Lima<sup>11</sup>

A cartilha “Caminho Suave” foi publicada inicialmente em 1950, portanto anterior a publicação Upa, Cavalinho! de Lourenço Filho ocorrida

---

<sup>11</sup> Maria do Rosário Magnani analisou dois manuais (1948 e 1977) e dois livros do aluno (1954-8<sup>a</sup> ed. e 1991-104<sup>a</sup>ed).

no ano de 1957, um dos motivos pelos quais ela é a última cartilha a ser analisada é: primeiro, porque ela foi editada até meados dos anos 90, portanto é um material didático representativo do final da década analisada. O segundo, é que entre os livros didáticos destinados a alfabetização, Caminho Suave, é considerado o maior sucesso editorial do país e o símbolo por excelência da alfabetização tradicional. (Fioravanti, 1996).

A cartilha Caminho Suave desde a primeira edição foi produzida pela própria editora “Caminho Suave” Limitada. “Caminho Suave” é um exemplo de um material didático que desde início foi um sucesso editorial, com mais de uma edição anual composta de 100.000 cada uma. Segundo as análises feitas por Dietzsch (1970) entre a primeira publicação, em 1950 até as publicadas em 1971, nenhuma das edições sofreram alguma modificação. As alterações feitas na década de 70, vieram em decorrência de uma ascendência da produção didática fundamentadas nos pressupostos do método global, acarretando uma queda nas vendas.

A cartilha “Caminho Suave” fazia parte dos livros conveniados ao Instituto Nacional do livro - Mec, o que lhe garantia distribuição gratuita às escolas públicas brasileiras, até meados dos anos 90, quando a cartilha foi reprovada pela comissão de avaliação do livro didático, PNLD/Mec.

Embora, seja um livro recente, não deixa de ter a efemeridade da maioria dos materiais didáticos, os exemplares de que disponho para analisar são duas edições do livro do aluno e dois guias do professor, posteriores às modificações feitas pela autora na década de 70, por isso vou recorrer a outras fontes para ampliar e esclarecer aspectos que forem necessários.

A capa é colorida com a ilustração de um menino e uma menina de mãos dadas, uniformizados, carregando cada um a sua pasta escolar, caminhando em direção a uma escola (ou voltando para casa?). A ilustração nos dá a impressão de ser uma imagem da zona rural, diferente da ilustração da capa das primeiras edições, que apresentava traços de uma arquitetura urbana. Uma explicação para essa modificação da capa pode ser atribuída a grande aceitação do uso da cartilha “Caminho Suave” nas escolas das zonas rurais.

Outra “marca” do material é o uso da expressão alfabetização pela imagem (grifo meu), assim como não aparece a palavra cartilha na capa e nem na folha de rosto, somente aparece na quarta capa onde é descrito todo o material didático “Caminho Suave”. De acordo com a edição de 1974, a Editora Caminho Suave produzia materiais didático e audiovisual: o primeiro, compõe-se da Cartilha “Caminho Suave” baseada no processo de “Alfabetização pela Imagem” e o manual do professor oferecido gratuitamente. 1º Livro “Caminho Suave” acompanhado do manual do

professor, também oferecido gratuitamente. O segundo tipo denominado Material audiovisual “Caminho Suave” compunha dos cartazes de “Alfabetização pela Imagem”- reproduções das ilustrações da cartilha, Testes de “Alfabetização pela Imagem”, Carimbos didáticos “Caminho Suave” e Slides dos cartazes de “Alfabetização pela Imagem”. Em seguida apresenta o endereço da Editora, o preço de CR\$ 6,00 por exemplar e finaliza com a chancela de que o preço deste livro só se tornou possível devido à participação do INL/MEC que, em regime de coedição, permitiu o aumento da tiragem e conseqüente redução do custo industrial. Não possuímos dados sobre a data do convênio firmado entre a Editora “Caminho Suave” e o INL/MEC, mas com certeza essa chancela garantiu, em parte, o sucesso didático da cartilha ao longo desses anos.<sup>12</sup>

As lições da cartilha iniciam-se apresentando as cinco vogais associadas à ilustração, a de abelha, o desenho da letra a corresponde o corpo da abelha, assim como, a tromba do elefante forma o desenho da letra e. Em seguida, são trabalhadas as sílabas ba, ca, da, na seqüência o alfabeto, os dígrafos, sempre com a mesma estrutura, isto é, são destacadas as palavras-chave, que por sua vez está diretamente relacionada a representação icônica. Assim, como exemplo, a alça da jarra faz o desenho do j de onde se destaca a sílaba ja de jarra, pequenas sentenças - de duas a seis - palavras formadas a partir das sílabas estudadas e a que vai ser estudada.

O livro apresenta uma estrutura simples, sequencial e repetitiva quanto a organização da estrutura das lições e o tipo de exercício. Esse último, é restrito a cópias de palavras e sílabas em letra cursiva (para a autora: letra de mão).

A autora denomina o seu método de “Alfabetização pela Imagem” como método eclético, entretanto, a análise do material nos leva a concluir que a organização estrutural está mais coerente com os princípios do método silábico.

Uma diferença entre a cartilha “Caminho Suave” e as outras aqui analisadas, é de que nessa é que a palavra alfabetização está inscrita na capa e, como já foi mencionado a palavra cartilha, aparece na quarta capa. A concepção de aprendizagem da leitura e da escrita, presente no Guia do Professor, é de que a alfabetização envolve dois processos: o mecânico, que é o reconhecimento dos símbolos gráficos, e psicológico, que é o desenvolvimento nas crianças das habilidades de compreensão da leitura. Para Branca Alves de Lima, no processo de alfabetização a escrita não é vista como agregada à aprendizagem da leitura, isso pode ser confirmado

<sup>12</sup> Maria do Rosario Magnani nos informa de que a cartilha Caminho Suave foi aprovada pela Comissão Nacional do Livro Didático em 1948, de acordo com os Pareceres de números 398 e 431. (1997:255.6)

desde a 1ª lição, as vogais são apresentadas em diferentes tipos de letra, (imprensa e cursiva maiúsculas e minúsculas) e nas várias propostas de exercícios “com letra de mão”, entretanto, a concepção de escrita para a autora é de mera cópia das palavras estudadas. Apesar de afirmar que um dos aspectos a ser desenvolvido no processo de alfabetização é a habilidade de compreensão da leitura, não se constata esses princípios no material didático.

A análise da cartilha “Caminho Suave” nos leva a concluir que é um material didático que não apresenta coerência entre os pressupostos teórico-metodológicos e a efetivação na prática pedagógica.

Considerado um dos best-seller da história da alfabetização no Brasil, essa cartilha merece ser melhor investigada, analisada em suas várias edições e ilustrações. E, principalmente, deve-se tentar apreender as razões de sua grande aceitabilidade entre o professorado brasileiro. Dizer que isso de deve ao fato de ser um material “fácil” de se trabalhar é simplificar por demais uma prática pedagógica dos professores em um processo tão complexo como é o da alfabetização.

### **3. Construindo a história da cartilha...**

Nessas considerações finais, o que se tem para dizer é que a história das cartilhas está apenas começando, e neste esboço o objetivo principal é o de sensibilizar os pesquisadores do muito que se precisa fazer na história da alfabetização, leitura e escrita, no Brasil. Constatou-se, mais uma vez, que o material didático é transitório, descartável, mas para nós, pesquisadores da área da educação sabemos o quanto eles nos podem revelar sobre as concepções de aprendizagem, os pressupostos teórico-metodológicos que sustentam as diversas concepções, qual a concepção de aluno, professor, de método, de ensino presente nesse campo vasto e inexplorado das cartilhas.

Construir a história da alfabetização através das cartilhas é um dos meios pelos quais podemos analisar historicamente as tendências metodológicas, o ideário pedagógico subjacente às cartilhas, e de certa forma as políticas públicas oferecendo chancelas aos autores através de indicações, autorizações, convênios... Essas “oferendas” governamentais poderiam ser uma estratégia de controle da tarefa de ensinar, através da atuação do professor.

No material analisado confirma-se que o professor é o destinatário privilegiado do livro didático, sobre esse ponto de vista, levanto algumas questões: é possível detectar qual era o nível de atuação do professor, dependência, autonomia, interlocução? As cartilhas/manual do professor

colaboravam na formação do professor, ou se restringia ao caráter prescritivo?

Sem pretender descrever exaustivamente as diferenças entre as cartilhas, mas apenas buscar ilustrar as diversidades. A análise feita, ainda que breve, demonstrou que as questões envolvendo opções metodológicas estão postas desde o início da produção didática nacional; a “querela dos métodos” persiste, ora Método Bacadafá combatendo a antiga soletração, ora Felisberto de Carvalho advertindo contra os *syllabarios*. Anita Fonseca defende o método global de contos como o mais indicado e busca fundamentar-se nas pesquisas da psicologia da leitura e através de dados estatísticos comprovando a superioridade do método global sobre os demais; Lourenço Filho defende a homogeneidade das turmas a serem alfabetizadas e afirma que pode se *ensinar a técnica inicial da leitura por mil e um modos, e que não há métodos mágicos* (grifos do autor). Branca Alves de Lima nos apresenta através da cartilha “Caminho Suave”, considerada um grande *best-seller* e utilizada até meados dos anos 90, uma proposta de fundamentação silábica que se contrapõe às novas perspectivas fundamentadas nas pesquisas da psicolingüística e sociolingüística.

Se de certa forma, as cartilhas analisadas marcaram época na história da alfabetização no Brasil. Atualmente estamos vivenciando um momento histórico “revolucionário”, a partir das pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita, de Emília Ferreiro e colaboradores, traduzidas no Brasil, no final da década de 80. Assim, as contribuições das pesquisas realizadas na perspectiva da psicolingüística e da sociolingüística traz à tona as questões envolvendo métodos de alfabetização, não mais na diretiva de selecionar qual o melhor método a ser adotado, pois sabemos, que esse tipo de escolha recaía sempre sobre o livro didático a ser adotado para o processo de alfabetização.

O novo paradigma de ensino-aprendizagem que coloca o aluno como centro do processo de aprendizagem e o professor como mediador entre o aluno e o objeto de conhecimento traz como uma das conseqüências as discussões sobre o “poder” atribuído aos livros didáticos, em geral. No centro dessas discussões estão as análises dos livros didáticos realizados pelo PNLD/MEC que no ano de 1997, de um total de 42 títulos de livros para a alfabetização, doze foram aprovados, mas nenhum foi recomendado com distinção. (PNLD/1998)

## Cartilhas e Manuais do Professor consultados

AGUIAR, Antonio Pinheiro de. *BACADAFÁ ou Methodo de Leitura Abreviada*. Rio de Janeiro, Typ. de Pinheiro & C. 1877.

- FONSECA, Anita. *O Livro de Lili ; Método global , Manual da Professora*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1942.
- FONSECA, Anita. *O Livro de Lili* . Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves. (s/d)
- FONSECA, Anita. *O Livro de Lili*. 33ª ed. São Paulo, Editora do Brasil S/A.1958
- FONSECA, Anita. *O Livro de Lili*. 87ª ed. São Paulo, Editora do Brasil S/A.1961
- FONSECA, Anita. *O Livro de Lili*. 136ª ed. São Paulo, Editora do Brasil S/A.1964
- CARVALHO, Felisberto. *O Primeiro Livro de Leitura*. 58ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves. 1911
- CARVALHO, Felisberto. *O Primeiro Livro de Leitura*. 114ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves. 1929
- LIMA, Branca Alves de. *Caminho Suave*. 76ª ed. São Paulo. Editora "Caminho Suave" Limitada Mec.1974.
- LIMA, Branca Alves de. *Guia do professor; aplicação da cartilha Caminho Suave*. (Edição a título precário). São Paulo. Editora "Caminho Suave" Limitada.(s/d)
- LOURENÇO FILHO, M.B. *Upa, cavalinho! cartilha*. 11ª ed. São Paulo, Melhoramentos.1968.
- LOURENÇO FILHO, M.B. *Guia do Mestre; 1º volume: cartilha Upa, cavalinho! e 1º Livro, Pedrinho*. 2ª ed. São Paulo, Melhoramentos.1969

## Referências Bibliográficas

- BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *Cartilha do Povo e Upa,Cavalinho!: o projetode alfabetização de Lourenço Filho*. In: Monarca, Carlos(org). *Lourenço Filho: outros aspectos, mesma obra*. Campinas. Mercado de Letras/UNESP.1997.(p.91-117)
- BITTENCOURT, Circe Maria F. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. São Paulo, Departamento de História da Fac,. De Filos. Letras e C. Humanas da USP,1993. (Tese de doutorado)
- CALDAS AULETE. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 5a ed. Brasileira. Editora Delta.Rio de Janeiro.1986.
- CASASANTA, Lucia M. *Qual o melhor método para o ensino da leitura?* Revista do Ensino, Porto Alegre, 6(41):34-8.1956.
- DIETZSCH, Mary Julia. *Alfabetização: propostas e problemas para uma análise de seu discurso*. São Paulo, Instituto de Psicologia da USP,1979.(Dissertação de Mestrado)

- DIETZSCH, Mary Julia. Cartilhas: um mundo de personagens sem texto e sem história. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, Fund. Carlos Chagas/Cortez (75):35-44, nov. 1990.
- FIORAVANTI, Carlos. Cartilha. *Revista Nova Escola*. São Paulo, Editora Abril (97):8-15, out. 1996 (Reportagem de capa)
- GUIA de Livros Didáticos; 1ª à 4ª séries. Brasília, PNDL. 1998
- HALLEWELL, Lawrence. *O livro no Brasil; sua história*. São Paulo, T.A. Queiroz, Editor/Edusp. 1985. (Publicado original em inglês: *Books in Brazil; a history of the publishing trade* - 1982)
- HOLANDA, Aurélio Buarque. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986
- KOOGAN/HOUAISS. *Enciclopédia e Dicionário ilustrado*. 3ª ed. Rio de Janeiro. 1998
- MACIEL, Francisca Izabel Pereira. *Lúcia Casasanta e o método global de contos; uma contribuição à história da alfabetização em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação-UFGM. 2001 (tese doutorado)
- MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. O “método João de Deus” para o ensino da leitura. *Leitura Teoria e Prática*. Campinas, Mercado Aberto, (27) jun, 1996.
- MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Os sentidos da alfabetização: a “questão dos métodos” e a constituição de um objeto de estudo (São Paulo - 1876/1994)*. Presidente Prudente, Unesp, 1997. (Tese de Livre-Docência)
- PFROMM NETO, Samuel et al. Cartilhas, gramáticas, livro texto. In: *O livro na Educação*. Rio de Janeiro, Primor/Mec, 1974. (p.153-221)
- SOARES, Magda. *Alfabetização no Brasil, o estado do conhecimento*. Brasília, Reduc/Inep, 1991.
- SODRE, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 1966.

Francisca Izabel Pereira Maciel é professora da FAE/UFMG. Doutora em Educação pela mesma Universidade. Pesquisadora do CEALE (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita). Coordenadora do Setor de Documentação e Memória do CEALE e da pesquisa Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento. Possui vários artigos publicados sobre história da alfabetização e das cartilhas.  
E-mail: fmaciel@fae.ufmg.br